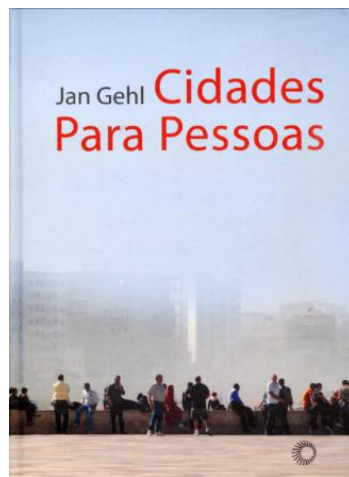


RESENHA
CIDADES PARA PESSOAS
CITIES FOR PEOPLES

GEHL, Jan. *Cidades para pessoas*. São Paulo, Perspectiva, 2015.



Bárbara Reichert¹

Cidades para pessoas, livro escrito por Jan Gehl arquiteto e urbanista dinamarquês, professor universitário aposentado e consultor, cuja carreira foi construída com base no princípio de melhorar a qualidade de vida urbana através da reorientação do planejamento urbano em favor de pedestres e ciclistas. Este livro analisa muitas das ideias seminais de Gehl, examina algumas das cidades do mundo que se desenvolveram com êxito nas últimas décadas e estabelece os desafios para o futuro. Baseado em trabalhos que fez na Europa, Austrália e Américas, tem um alcance global, com dados comparativos de como pedestres utilizam os espaços públicos, cujo apelo maior é a rapidez com que ele tem sido capaz de ajudar algumas cidades a transformar suas ruas de tráfego intrincado em paraísos para as pessoas. O autor aborda, de forma aprofundada e objetiva, questões que são fundamentais à qualidade de vida na cidade e que se refletem na escala dos espaços, nas soluções de mobilidade, nas dinâmicas que favorecem a vitalidade, sustentabilidade e segurança das áreas

¹ Mestranda em Arquitetura e Urbanismo pela IMED. Docente do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Uceff Itapiranga. Email: barbara@uceff.edu.br

urbanas, na valorização dos espaços públicos, nas possibilidades de expressão individual e coletiva, na beleza daquilo que pode ser apreendido ao nível do observador.

O autor do livro foca naquilo que a cidade tem de mais importante: sua dimensão humana, as oportunidades de encontro que ocorrem nos espaços de vivência das relações cotidianas e como esses territórios precisam ser estruturados para que essa dimensão não se perca. A premissa condutora deste livro é que nossas cidades podem ser melhores se forem pensadas para aqueles que as criaram: as pessoas. Gehl destaca “inicialmente nós moldamos as cidades – depois elas nos moldam. Assim, quanto mais humano for o espaço urbano que produzirmos, mais valorizada nossa dimensão humana estará. Uma cidade de pessoas para pessoas”.

A organização do livro aborda questões que são fundamentais à qualidade de vida na cidade com os 6 seguintes capítulos; a dimensão humana; os sentidos e a escala; a cidade viva, segura, sustentável e saudável; a cidade ao nível dos olhos; vida, espaço, edifícios – nessa ordem; cidades em desenvolvimento.

A dimensão humana é o capítulo que abre o livro. Neste texto o autor aborda de como esse tema foi esquecido e negligenciado no planejamento urbano, enquanto outras questões ganham mais força, como a acomodação do aumento do tráfego de automóveis. Nesse cenário, a prioridade dada aos carros é um dos principais inimigos. “O carro espreme a vida urbana para fora do espaço público”, analisa. Jan Gehl busca a cidade criada para as pessoas, para o convívio ao nível dos olhos, para a qualidade de vida. Nada de busca pela forma, mas pela escala humana. Resumindo, uma preocupação crescente com a dimensão humana no planejamento urbano reflete uma exigência distinta e forte por melhor qualidade de vida urbana. Comparado a outros investimentos sociais – particularmente os de saúde e de infraestrutura de veículos – o custo de incluir a dimensão humana é tão modesto, que os investimentos nessa área serão possíveis a cidades do mundo todo, independentes do grau de desenvolvimento e capacidade financeira.

No segundo capítulo, os sentidos e escala, também são fundamentais na qualidade de vida na cidade e que refletem na escala dos espaços e nas soluções de mobilidade. A mobilidade é um componente essencial à saúde da cidade, elas não podem ser pensadas apenas para os carros. O natural ponto de partida do trabalho de projetar cidades para pessoas é a mobilidade e os sentidos humanos, já que estes fornecem a base biológica das atividades, do comportamento e da comunicação no espaço urbano.

No terceiro capítulo, a cidade viva, segura, sustentável e saudável, Gehl cita que é preciso que haja uma política urbana integrada a fim de desenvolver essas cidades. A cidade viva precisa de uma vida urbana variada e complexa, onde as atividades sociais e de lazer estejam combinadas, deixando espaços para a necessária circulação de pedestres e tráfego, bem como oportunidades para participação na vida urbana. A cidade segura é crucial para que as pessoas abracem o espaço urbano. A cidade sustentável está em crescente interesse no planejamento, priorizar o pedestre e as bicicletas modifica o perfil do setor de transportes e é um item expressivo nas políticas sustentáveis em geral.

A cidade ao nível dos olhos é o tema do capítulo quatro que traz uma visão geral e sistematizada dos mais importantes critérios de qualidade: **proteção**; proteção contra o tráfego e acidentes – sensação de segurança; proteção contra o crime e violência; proteção contra experiências sensoriais e desconfortáveis, **conforto**; oportunidades para caminhar; oportunidades para permanecer em pé; oportunidades para sentar-se; oportunidades para ver; oportunidades para ouvir e conversar; oportunidades para brincar e praticar atividade física e **prazer**; escala; oportunidades de aproveitar os aspectos positivos do clima; experiências sensoriais positivas. É um fato interessante e instigante que os melhores e mais funcionais espaços urbanos do mundo demonstram um cuidadoso tratamento geral de todos os critérios de qualidade.

No quinto capítulo, vida, espaço, edifícios – nessa ordem o autor aborda a necessidade de priorizar a vida, os edifícios vêm depois. Se as cidades e os edifícios pretendem atrair as pessoas para virem e permanecerem em seus espaços, a escala humana vai exigir nova e consistente abordagem. No processo de planejamento, em vez da sequência que prioriza os edifícios, depois os espaços e depois a vida, o trabalho com a dimensão humana requer que a vida e os espaços sejam considerados antes das edificações. As exigências para elaboração de novos edifícios, visa garantir que suas funções e seu projeto sustentem e enriqueçam o espaço público e a vida urbana, são inerentes à sequência: vida, espaço, edifícios.

Cidades em desenvolvimento é o tema do sexto e último capítulo do livro onde aponta que a dimensão humana é uma questão crucial no mundo todo. A maioria das pessoas agora vive nas cidades e as cidades estão crescendo de forma explosiva. O rápido crescimento das populações urbanas dos países emergentes é o catalisador de muitos problemas e desafios. Em muitas regiões, abrigar tantos novos moradores levou ao surgimento nas cidades de grandes áreas de habitação informal, densamente povoadas e carentes de todos os tipos de serviços.

Em resumo os capítulos do livro Jan Gehl falam sobre o planejamento das cidades e a lacuna que existe ao se pensar primeiro nas formas do edifício, no skyline, na cidade vista do avião e se esquecer das pessoas e da vida urbana.

Os temas abordados são importantes para nós arquitetos nos questionarmos em relação ao interesse nas pessoas e na vida. Os arquitetos de hoje competem pela forma, mais do que por ideias humanísticas, preocupam-se mais pela tendência. O trabalho do arquiteto deveria seguir as palavras do Arquiteto Ralph Erskine que disse uma vez: “para ser um bom arquiteto, você precisa amar as pessoas. Porque arquitetura é uma arte aplicada e lida com a moldura da vida das pessoas. Os edifícios emolduram nossas vidas.”

Ninguém examinou tanto a morfologia e o uso do espaço público quanto Jan Gehl. Ao ler este livro, qualquer pessoa com interesse no tema de mobilidade urbana, terá uma grande percepção, das relações entre os espaços públicos e a sociedade civil e de como os dois estão entrelaçados.

Referências

GEHL, Jan. *Cidades para pessoas*. São Paulo: Perspectiva, 2015.